

ZÁITA ESQUECEU DE GUARDAR OS BRINQUEDOS – O PERCURSO DE BALAS PEDIDAS: O DIÁLOGO ENTRE A NOTÍCIA E O CONTO LITERÁRIO

Wagner Araujo*
wagsants@yahoo.com.br
Universidade Estadual Paulista

Resumo: Este artigo visa promover reflexões acerca dos elementos intertextuais que dialogam tematicamente e estabelecem influência na construção do projeto ficcional do conto “Záita esqueceu de guardar os brinquedos” da autora Conceição Evaristo, advindos do gênero notícia. Para tanto, nos valem da análise do conto em diálogo com a temática evidenciada nas notícias de jornais circunscritas aos eventos ocasionados por balas perdidas. Por meio de uma abordagem qualitativa e metodologia teórico-analítica-comparativa, objetiva-se propor um modelo de leitura acerca da relação intertextual entre a notícia e o conto literário, considerando seus aspectos convergentes (unidade, meio de veiculação de origem) e divergentes no que se refere à ordem, objetividade e linguagem usada no modo de retratar a realidade e discutir, por meio do diálogo entre os gêneros textuais, aspectos que mobilizaram uma escrita voltada ao universo infantil e de inocência no contexto violento da periferia.

Palavras-chave: Violência; conto; notícia; realidade; literalidade.

1 Considerações iniciais

A análise de narrativas que envolvem o universo de significações do conto, mesmo com as inúmeras pesquisas em torno do gênero, ainda é permeada por questões que problematizam sua natureza em termos teóricos e procedimentais. Tal particularidade nos permite compreender que o problema poderia se resumir em

* Possui graduação em Letras pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (2002) e Mestrado e Doutorado em Língua Portuguesa pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Atualmente é professor Titular do Instituto Federal de São Paulo - campus Matão. Atuou por 10 anos como professor titular da Faculdade de Tecnologia do Estado de São Paulo e 6 anos na FIEB - Fundação Instituto Tecnológico de Barueri. Ministrou aulas no curso de Letras na Unianhanguera campus Campo Limpo as disciplinas de Morfologia e Fonética e Fonologia. Tem experiência na área de Linguística, com ênfase em Língua Portuguesa, atuando principalmente nos seguintes temas: ensino, estratégias, política educacional, linguística, língua, ensino, marcos, cognição social, formação, pesquisa e produção científica. Atuou com pesquisas relacionadas à produção de roteiro para jogos digitais a partir de obras literárias, a fim de compreender aspectos que envolvem a identidade, advergames, aspectos sociais vinculados à narrativa, sua importância no universo dos jogos digitais, bem como avatares, estereótipos e composição de personagens. Realizou pesquisa e estágio de Pós-Doutorado na área de Literatura e vida Social na UNESP - campus Assis, sob o seguinte tema: A representação feminina nos jogos digitais: Clarice Lispector e o discurso de protesto numa abordagem transmidiática. Atualmente é doutorando em Estudos Literários na UNESP de Araraquara e estuda as dimensões da poética realista nas narrativas de Conceição Evaristo.

algumas direções teóricas possíveis, sobretudo no que diz respeito à defesa ou não de uma teoria do conto. Isso significa que alguns defendem que a teoria do conto se filia a uma teoria geral da narrativa, o que, de fato, poderia representar uma verdade. Todavia, tal verdade não pode ser considerada como absoluta, pois ainda que essa posição nos faça questionar no como pensar o conto desvinculado de um conjunto maior de modos de narrar ou representar a realidade, nos deparamos com o surgimento das diferenciações/particularidades que, embora sujeitas às determinações gerais da narrativa, teria característica específica de gênero, tal como existem características específicas de romance, notícias de jornais, de novela etc.

Assim, o questionamento passa a se voltar em relação a quais os limites da especificidade do conto enquanto um tipo determinado de narrativa e sobre o que faz com que continuem sendo contos, apesar das mudanças que, naturalmente, são experienciadas ao longo do tempo e em que parâmetros permaneceriam eles fiéis às suas origens, sobretudo, no que se diz respeito à brevidade. Nesse sentido, o estudo e a análise sobre o conto deve se valer de uma tomada de posição do analista capaz de considerar os aspectos gerais que envolvem a narrativa enquanto uma sucessão de acontecimentos e que essa, de interesse humano, considere que sempre haverá algo a ser narrado/contado e assim sendo, deve ter como premissa as questões voltadas ao fazer humano, condição essa que, metodologicamente, pode ser reconhecida como uma instância de intertextualidade.

Sob essa perspectiva, a literatura comparada, de onde nasce o conceito de intertextualidade, permite-nos visualizar que os textos não nascem de referências vazias: não existe um marco zero em que a obra literária é criada. As influências ocorrem das experiências humanas e essas não precisam estabelecer, como se defende nesse trabalho, a relação única e exclusiva de texto para texto, de mesma particularidade formativa (literalidade), mas entre textos de distintos gêneros, orientados por seus temas, pelas intencionalidades e seus implícitos.

Segundo Kristeva (1974) “ qualquer texto se constrói como um mosaico de citações e é a absorção e a transformação de um outro texto” (Koch, 2012 p. 14). Assim, tendo por base os postulados de Bakhtin e Kristeva, a intertextualidade ocorre quando “[...] em um texto, está inserido outro texto (intertexto) anteriormente produzido, que faz parte de uma memória social de uma coletividade” (Koch & Elias, 2015, p. 86), a qual, na presente investigação, se conceberá da relação influenciadora do gênero notícia para produção do conto, cujo narrador vai evidenciando as

informações típicas de serem narradas no contexto da notícia, seja pela intencional impessoalidade em expor tais informações acerca do fato, seja pelo distanciamento típico do gênero, mesmo que se identifique enquanto voz testemunhal do acontecimento e nos permita compreender, dentre os diferentes tipos de intertextualidades, a intertextualidade temática como a mais evidente no conto produzido por Conceição Evaristo.

Desta feita, assume-se como pressuposto de que analisar contos, sejam eles de enredo ou de atmosfera é dar destaque ao ato de contar fatos que envolvem o humano em suas diferentes fases e complexidades, mobilizadas por influências, compreendidas nesse trabalho como intertextualidade temática circunscrita na mesma espacialidade: a periferia da década de 1990. Vale ressaltar que é do humano adequar as fases da vida às situações, às circunstâncias sociais, bem como é do humano ignorá-las para assim o serem, pois também é do humano o contraditório, o duplo, o incerto. Sob esse aspecto, atrelado às questões que orientam as dimensões do conto literário, este artigo tem como objetivo evidenciar os aspectos que permeiam a estrutura do gênero, no que diz respeito à narração da realidade humana, em diálogo com a ideia de narração apresentada tematicamente pelas notícias de jornal – gênero da esfera discursiva jornalística, que também aborda questões referentes ao humano - servindo como ponto de partida para escrita do conto “Zaíta esqueceu de guardar os brinquedos”.

Vale considerar também, nesses apontamentos iniciais, que o ato de narrar o humano se situa dentro de um projeto também humano, cujos acontecimentos emolduram unidade de significação, se organizam e se situam em uma série temporal estruturada dentro de uma mesma ação. Tal aspecto colocam a notícia e o conto literário em diálogo.

Assim, o presente artigo visa analisar o conto de Conceição Evaristo “Zaíta esqueceu de guardar os brinquedos”, a fim de apresentar as nuances da narrativa que estão além da própria narrativa, motivada por uma unidade de sentido que perpassa a condição humana plausível de erros, incertezas e causalidades, aspectos esses que são concebidos tanto pelo conto, quanto pela notícia, todavia, de modos distintos, carregando, contudo, a noção de brevidade e unidade em suas gêneses. Para tanto, nos valeremos de um processo de interpretação pautado nos postulados que envolvem a proximidade do gênero conto literário ao gênero notícia de jornal, além de analisar os aspectos vinculados à fase conhecida como infância e as dimensões

vinculadas a esse universo de inocência, particularidade essa, que dá o tom da trama do conto objeto de estudo desse trabalho e a razão pela qual a notícia se configura enquanto informação.

Nessa direção, a partir dos pressupostos que partem da visão de Edgar Allan Poe (1987) sobre a unidade de efeito, bem como das considerações de Walnice Nogueira (1987) sobre a relação do Conto e a Notícia e dos pressupostos de Piglia (2004) sobre a questão do conto e suas duas narrativas, objetiva-se evidenciar o contrato temático, no qual a autora Conceição Evaristo desenvolve sua escrita – caracterizada pelo teor realista, circunscrita na relação entre o texto informativo (que caracteriza o gênero notícia) e o gênero conto literário (profícuo de imagens e alegorias). A partir disso, buscar-se-á especificar o seu projeto intertextual de saberes e da memória coletiva na composição da unidade de sentido e na tematização vinculada ao espaço periférico, no qual as ações se desenvolvem.

Desta feita, o presente trabalho se propõe apresentar uma leitura e uma análise do conto - fundamentada nos pressupostos teóricos sobre o gênero - considerando o universo temático, o espaço, o narrador e os efeitos apreendidos a partir da relação entre o evento ficcionalizado e o evento informado, que seria, hipoteticamente exposto pela notícia. Assim, o caráter teórico-analítico dessa investigação se dedica em elucidar elementos que caracterizam e envolvem as dimensões interpretativas ao redor do conto, envolvendo as nuances do real, os intertextos e os implícitos. Esse exercício de análise nos permitirá perceber os índices de intertextualidade com o gênero jornalístico – notícia de jornal – cujo recorte temporal recai à década de 1990 - momento em que o conto fora escrito e momento em que, nas principais periferias do país, sobretudo, do Rio de Janeiro, há o aumento significativo de casos de mortes por balas perdidas e o registro desses incidentes nos principais jornais impressos e televisivos pelo país – motivação para escrita do conto escolhido para essa análise, como a própria autora em entrevista sobre o livro *Olhos d'água* para Biblioteca Nacional afirmou: “São as crianças das favelas que morrem por balas perdidas que me inspiraram na escrita de outro texto “Zaíta esqueceu de guardar os brinquedos”.

2 Zaíta esqueceu de guardar os brinquedos: da notícia de jornal ao conto literário – do fato à ficção

O conto “Zaíta esqueceu de guardar os brinquedos”, que faz parte do livro de contos Olhos d’água, escrito e publicado a primeira vez em 1991, traz um episódio de violência bastante comum nas comunidades periféricas na década dos anos 1990: mortes ocasionadas por balas perdidas. Assim como em outras narrativas, a autora se debruça em apresentar histórias situadas no universo periférico da favela, no âmbito das questões vinculadas à negritude e no que diz respeito às questões sociais que permeiam o viver da negritude em seus dilemas diários: violência, pobreza, criminalidade, discriminação etc.

No entanto, a escolha desse conto como objeto de análise envolto das particularidades do gênero notícia – o que indicia um nível de intertextualidade carregada de influência na escrita do conto de Evaristo – se dá em detrimento da relação entre o caráter realístico que a narrativa nos apresenta e seus elementos circunscritos à dimensão literária, cuja linguagem apresentada ao leitor compõe imagens que expandem a mera representação do fato, mobilizando, assim, um caráter impressionista.

Tal aspecto é atestado pela linguagem que Evaristo opta em utilizar para narrar e materializar o fato em questão. Ao contar a história de duas irmãs que vivenciam “buscas” permeadas pela inocência e se deparam com a fatalidade enquanto destino, no espaço breve do conto, materializada por uma linguagem que atrela a realidade do fato à ficcionalidade elucidada pelas imagens criadas por suas metáforas e eufemismos, nos deparamos com um realismo que transcende a ideia de fotografia em sua estaticidade, pois a linguagem humaniza o fato narrado, tão noticiado nos jornais, no momento em que fora escrito.

Além desse aspecto, faz-se necessário evidenciar a particularidade desse conto em se apresentar de maneira híbrida, no que se refere à questão do enredo. Desta feita, é possível afirmar, pautados na leitura do conto, que ele traz aspectos circunscritos na categoria de conto de enredo – com camadas bem-sinalizadas e estruturadas com começo, meio e fim, bem como aspectos voltados à dimensão do conto de atmosfera, sobretudo, no momento final do conto, em que fica a cargo do leitor realizar o desenlace, pois o reencontro encurte no leitor o questionamento acerca das ações que virão após o fatídico reencontro das irmãs Naíta e Zaíta.

Vale destacar que o referido conto não termina com o reencontro, mesmo que esse reencontro componha a cena final da narrativa, pois se desdobra em questionamentos acerca do que será da irmã Naíta, do irmão pertencente a uma

gangue que luta por espaço no morro e da mãe que, ao quebrar a boneca que as meninas mais gostavam, rompe, metaforicamente, com o estado de infância das filhas, prenunciando o fim do contexto infantil, cenário tão perturbador, repetitivo e comum no espaço da periferia.

Sob a dimensão da infância, observa-se que o conto, em um primeiro momento, parece se desenvolver situado nesse universo envolvendo a vida das personagens Naíta e Zaíta (irmãs gêmeas), que convivem com a família em um barraco na favela.

No entanto, o aspecto vinculado ao universo infantil, que parece se desenvolver em relação às questões do dia a dia, típicas de crianças que brincam e que deixam a bagunça na casa onde residem, vai dando espaço a outros universos secundários. Universos, esses, relacionados ao cansaço da mãe, às preocupações voltadas à sobrevivência da família naquele espaço de pobreza e aos pensamentos lamuriosos de uma mãe que não sabe como mudar tal situação. Esses elementos, por serem secundários, perdem corporalidade, ainda que se apresentem como índices temáticos resgatados no desenrolar da trama, enquanto justificativas para o destino das personagens infantis Zaíta e Naíta.

A mãe de Zaíta estava cansada. Tinha trinta e quatro anos e quatro filhos. Os mais velhos já estavam homens. O primeiro estava no Exército. Queria seguir carreira. O segundo também. As meninas vieram muito depois, quando Benícia pensava que nem engravidaria mais. Entretanto, lá estavam as duas. Gêmeas. Eram iguais, iguaizinhas. A diferença estava na maneira de falar. Zaíta falava baixo e lento. Naíta, alto e rápido. Zaíta tinha nos modos um quê de doçura, de mistérios e de sofrimento. Zaíta virou a caixa, e os brinquedos se esparramaram, fazendo barulho. Bonecas incompletas, chapinhas de garrafas, latinhas vazias, caixas e palitos de fósforos usados. Mexeu em tudo, sem se deter em brinquedo algum. Buscava insistentemente a figurinha, embora soubesse que não a encontraria ali. No dia anterior, havia recusado fazer a troca mais uma vez. A irmã oferecia pela figurinha aquela boneca negra, a que só faltava um braço e que era tão bonita. Dava ainda os dois pedaços de lápis cera, um vermelho e um amarelo, que a professora lhe dera. Ela não quis. Brigaram. Zaíta chorou. À noite dormiu com a figurinha-flor embaixo do travesseiro. De manhã foram para escola. Como o quadrinho da menina-flor tinha sumido? (Evaristo, 2016, p. 72).

Observa-se, por meio desse excerto extraído do conto, que o universo infantil tratado na primeira cena se expande ao universo da vida adulta, na condição de metonímia, pois a bagunça das crianças é só uma referência à bagunça da vida da mãe, que constituiu sua família em um espaço em que as coisas não podem ficar organizadas (um filho no submundo do crime, um pai e outro filho com trabalhos e ganhos ínfimos o trabalho exaustivo da mãe dentro e fora de casa etc.).

No desenrolar das ações, nota-se a expansão do espaço que perpassa a ambientação do barraco e que, em seguida, ganha a espacialidade externa dos becos e encruzilhadas da favela que, assim como sua casa, é caracterizada pela intensa ideia de bagunça e desordem – traço esse que construirá a trama da narrativa, circunscrita nas ações que envolvem a temática da busca da personagem Zaíta e, no desenrolar das ações, a busca de Naíta. Trata-se, pois, de uma história de buscas, em espaços nada organizados, cuja dimensão parte do espaço privado (o barraco) para um espaço coletivo (os becos e vielas do morro).

As irmãs buscam por elementos distintos, e é sobre essas buscas que o enredo se desenvolve e a trama se constrói – da bagunça do barraco à bagunça do morro, da bagunça física, material, à bagunça social, da bagunça enquanto motivo de bronca à bagunça como causa de morte, pois as balas não tinham direção certa, assim como os brinquedos espalhados pela casa não tinham um lugar certo para serem guardados, mesmo que a mãe assim o dissesse e quisesse.

A partir das características que envolvem a narrativa de Conceição Evaristo, pode-se dizer que o conto – que carrega no título a exortação típica de mãe sobre o ato de brincar descuidado da responsabilidade em arrumar a bagunça depois, tão comum de ser ouvida no contexto familiar pelas crianças – no final é retomado pela voz da criança Naíta, que assume a responsabilidade em exortar a irmã, que no fatídico momento, não poderá ouvi-la, nem terá oportunidade em aprender e não cometer o mesmo erro. Esse movimento de retomada discursiva da fala da mãe, recuperada pela filha Naíta atesta a unidade dos eventos narrados, colocando em suspenso a ideia de incidente trágico, uma fatalidade à ideia de culpa recaída à Zaíta por não ter obedecido às ordens da mãe.

Não se pode ignorar que a focalização, no primeiro momento, elucida a busca de Zaíta pela irmã na favela, com o objetivo de reaver a figurinha que faltava e, depois, a focalização recai em Naíta, que busca pela irmã, em um ato de cumplicidade, irmandade e, sobretudo, de inocência. Percebe-se, então, que a trama envolvida pela busca das personagens carrega o universo infantil como fio condutor da narrativa, a fim de não dar relevo às questões relacionadas aos problemas sociais de modo explícito, tão comuns no gênero notícia.

Observa-se, desse modo, que a trama do conto, de modo geral, não se refere só ao acontecido orientado pelas buscas das irmãs e, conseqüentemente, ao seu desenlace trágico, mas ao percurso dessas garotinhas em suas aventuras de

crianças, sendo elas apenas crianças. Observa-se, também, que não há o compromisso com o evento real, uma vez que o universo infantil – pautado pela inocência – é potencializado como marca principal ao longo de toda narrativa, pois é por meio da inocência dessas duas irmãs que a narrativa se desenvolve. Isso nos permite compreender que, no conto, a realidade e a ficção não têm limites precisos – ainda que o fato narrado, pelo véu da inocência e do universo infantil, elucide uma realidade muito comum de ser testemunhada nas notícias de jornal e na mídia televisiva: os casos de balas perdidas e morte de crianças em decorrência disso.

Assim, faz-se necessário diferenciar, como afirma Raul Castagnino, que, em um relato, copia-se e, em um conto, inventa-se, não importando averiguar se há verdade ou falsidade, pois o que existe já é a ficção, ou seja, a arte de inventar um modo de se representar algo, por si só, já não é o espelho da realidade. No entanto, o conto, em sua gênese dialoga com a notícia de jornal, como pontua Walnice Nogueira Galvão, pois

[...] o conto faz parte do poder literário pela prosa de ficção impressa, e mais especificamente pela prosa publicada em jornal diário – o que efetiva no século passado, em meio ao processo de popularização do épico para ser lido [...] [sendo, pois] um resquício do velhíssimo ato de contar, ele também é – então – o que havia de mais moderno como mercadoria (Galvão, 1987, p. 168-169).

Trata-se de uma narrativa que se assemelha à notícia de jornais, não pelo enredo em si, que é carregado de imagens e focalizações que evidenciam a busca das personagens e o fatídico reencontro, mas pelo tema e devido ao caráter de síntese de um evento em que a notícia, enquanto gênero pertencente à esfera jornalística, é capaz de informar e de expor, cabendo ao leitor considerar as circunstâncias por trás do fato noticiado.

Nesse sentido, a notícia acerca do acontecido, envolvendo a garotinha Zaíta, ganharia hipoteticamente a seguinte manchete acerca dos fatos: “Menina, moradora da favela é atingida por uma bala perdida durante tiroteio entre grupos rivais no morro”. Sabe-se que, na impessoalidade – característica do gênero jornalístico –, o sujeito não tem nome e não são mencionados, algumas vezes, aspectos relacionados à espacialidade onde ocorreu o incidente, o que se torna, em contrapartida, o elemento mais evidente que as circunstâncias que motivaram o crime.

Na dimensão, efetivamente, do fato sobre essa questão, há notícias como a intitulada pelo jornal O Globo "Balas perdidas aterrorizam os cariocas" datada do dia 16 de dezembro de 1990. Na dimensão do fato pertencente a uma realidade característica da década de 1990 e que informava à população acerca dos acontecimentos relacionados aos conflitos no morro e acerca de mortes por balas perdidas, reside aí o elemento intertextual influenciador na escrita do conto de Conceição Evaristo: incidentes com balas de revólver e violência advindas pelas gangues rivais.

Nessa relação entre conto literário e notícia, as questões que envolvem as razões pelas quais a garotinha se encontrava no meio daquele tiroteio, caberá à notícia desenvolver, por meio dos relatos das testemunhas e da exposição dos fatos, de modo a compor um enredo circunscrito em uma unidade de sentido condizente com o momento em que os fatos ocorrem no âmbito da linguagem jornalística, cujas características tendem a ser a objetividade e a clareza na veiculação da informação. Já em termos de tematização do evento, mediada pela busca da garotinha Zaita (que não seria de conhecimento da notícia, antes do testemunho e desenvolvimento da reportagem), caberá ao conto narrar. Segundo Galvão (1987), conto e notícia se diferem entre si e competem no espaço dado, por onde ambos, inicialmente, circulavam:

A forma do conto, de um lado, é determinada pelo caráter de seu veículo, a imprensa periódica: leitura de uma só vez, extensão curta, efeito único, apenas um enredo. De outro lado, a possibilidade de reprodução técnica do veículo, traduz-se numa inegável democratização da leitura. Isto também é determinado da forma, pois o veículo é pouco propenso a ousadas vanguardistas e códigos inovadores, por princípio de decifração difícil. O conto, que por natureza é ficção, jogo livre da imaginação, passa a competir com a forma da notícia de jornal; a contradição se instaura entre conto e informação jornalista (Galvão, 1987, p.169).

Há, no entanto, determinado grau de proximidade com o real, ainda que reste saber qual realidade se pretende registrar: a do cotidiano, a do cotidiano fantasiado ou a realidade contada literalmente. Pode-se inferir, diante disso, que os fatos tratados nas notícias de jornal, no período em que o conto fora escrito, servem como intertextos da narrativa do conto, sobretudo pela incidência de casos de morte por balas perdidas noticiadas diariamente pela mídia jornalística.

Essa referência ou influência sugere a leitura do conto enquanto representação da realidade do cotidiano fantasiado, pois o universo infantil e as buscas das irmãs

encobrem, ao longo da narrativa, o fato objetivo: a morte por bala perdida, ficando essa informação secundária, quando, na notícia, esse fato seria o principal aspecto narrado, alterando, assim, a ordem do ato de narrar.

No que diz respeito à forma, pode-se afirmar que o conto, assim como a notícia, apresenta unicidade de situação, desfecho determinante, efeitos cuidadosamente preparados e curta extensão, mas não pode ser caracterizado como sendo proeminentemente informativo, pois as imagens que reportam o universo inocentem infantil são descartadas pela notícia, mas valorizadas pelo conto em seu contrato ficcional. Se, por um lado, tem-se, como função primeira, a informação e a exposição dos fatos de modo direto pela notícia, tem-se, no conto, a expansão do fato em suas diversas manifestações de sentido e de narratividade.

Considerados tais aspectos, faz-se necessário compreender a diferença entre um simples relato, que pode ser um documento e a literatura, mesmo que essa última se aproprie do fato e do relato como substância para sua narrativa. Tal como o tamanho, a literatura não pode ser compreendida enquanto documento puramente testemunhal de ações, mas como literatura, dada a sua capacidade de promover no ser humano condições para humanizar-se, seja pela dor, seja pela alegria, seja pelos sentidos acionados pela leitura etc.

Nessa perspectiva, o conto literário –, o qual, nas suas linhas mais gerais, pode se esboçar a partir do critério da invenção e ser desenvolvido, antes, enquanto transmissão oral e, depois, via contador-criador-escritor de contos, – não pode, mesmo que carregue consigo traços do real, ser limitado à dimensão da mimese ou do espelhamento da realidade, pois se trata de uma possibilidade de representação a partir de aspectos circunscritos à memória coletiva, capazes de emoldurar uma realidade possível de registro.

Assim, é importante também salientar que a voz do contador, seja oral, seja escrita, poderá interferir no seu discurso – o que nos faz afirmar a importância de se reconhecer, na leitura do conto, o seu narrador. No conto em questão, Evaristo, ao contar a história do fatídico assassinato da garotinha Zaíta, se apropria de recursos de linguagem que criam o tom de suspense da narrativa acerca da trajetória circunscrita à busca, que passam a ser duas: a de Zaíta pela figurinha e de Naíta por Zaíta.

O desenlace se dá pelo reencontro das personagens, motivado pela mesma bravura da mãe (que inicia o conto) ao encontrar os brinquedos espalhados, após de

tê-las orientado para que os guardassem. Em seguida, pode ser mencionada a iniciativa de Naíta em buscar pela irmã e desvendar o mistério do sumiço da figurinha e alertá-la sobre a bravura da mãe – aspecto que configura, ao mesmo tempo, a característica do conto de enredo e do conto de atmosfera.

O desfecho da narrativa será realizado, então, uma vez que o leitor se coloca na condição de testemunha desse reencontro e do fim da busca da garotinha. Todavia, o evento narrado faz perceber que nem tudo foi desvendado, e existe ainda o depois desse reencontro. Como Naíta ficará quando a sua inocência der lugar à realidade? Trata-se da mesma realidade pela qual sua irmã passará a compor as estatísticas de morte por balas perdidas?

A outra menina, Naíta, que estava no barraco ao lado, escutando os berros da mãe, voltou aflita. Foi recebida com tapas e safanões. Saiu chorando para procurar Zaíta. Tinha duas tristezas para contar a sua irmã igual. Havia perdido uma coisa que Zaíta gostava muito. De manhã tinha apanhado a figurinha debaixo do travesseiro. Queria sentir o perfume de perto. E agora não sabia mais onde estava a flor. A outra coisa era que a mamãe estava brava porque os brinquedos estavam largados no chão e de raiva ela havia arrebatado aquela bonequinha negra, a mais linda... (Evaristo, 2016, p. 75).

Como é de conhecimento, a inocência de Naíta assume a manutenção do universo infantil da narrativa e a conduz a realizar a sua busca pela irmã. Adiante-se, acerca do enredo, que Zaíta buscava por Naíta com o objetivo de recuperar a figurinha. Naíta buscava por Zaíta, com o objetivo de alertá-la sobre o estado da mãe, sobre a figurinha e sobre o estado da boneca deixado pela mãe em seu ato de irritabilidade. É possível, assim, inferir que o estado intempestivo da mãe, não se resume somente à bagunça deixada pelas crianças (como já evidenciado), mas à bagunça de sua própria vida, em ter de encontrar meios para sobreviver à pobreza e às questões de criminalidade que se achegam ao seu filho. Desse modo, Naíta, com instinto fraternal, característico das irmãs gêmeas, busca pela irmã a fim de alertá-la sobre o que lhe espera em casa, em decorrência ao estado irritadiço da mãe, mas seu objetivo não é atingido.

Faz-se necessário também afirmar que a narrativa dá indícios, ao longo do trajeto percorrido pela personagem, de que o ambiente não era propício para uma criança percorrer sozinha. Tal informação, apresentada pelo narrador momentos antes do final do conto, promove um efeito de unidade em relação ao evento narrado,

dada por um narrador onisciente intruso, que conhece a realidade ali narrada e prepara o leitor acerca do desfecho da narrativa.

Assim se dá a informação sobre os tiroteios: “Nos últimos tempos na favela, os tiroteios aconteciam com frequência e a qualquer hora”, o que prenuncia o derradeiro fato (tiroteio entre gangues). Nesse sentido, quem nos dá essa informação se apropria de uma verdade conhecida por ele (narrador) e que, havendo escolhido o melhor momento para que seja enunciada, julga necessário conhecê-la, para que o leitor entenda que o acaso, o fatídico e o incidente têm origem no conhecido e nas práticas sociais do cotidiano.

Nesse sentido, como alguém que testemunhou do barraco ao lado, ou que participou no resgate do corpo, ou mesmo que informou aos familiares de Zaíta ou aos policiais o ocorrido, também nos informa e, como ouvintes, passamos a entender as justificativas que emolduram toda a trama.

Assim, como no registro dos contos orais, em qualquer mudança que ocorra, por menor que seja, haverá interferência no conjunto da narrativa. Entretanto, a voz que fala ou escreve só se justifica enquanto contista quando existe um resultado de ordem estética, isto é, quando se constrói um conto que ressalte os seus próprios valores enquanto conto – brevidade, unidade, leitura direta e em uma só sentada, tom, unidade de efeito, entre outros aspectos - típicos do gênero conto literário propriamente dito, e que não nos permita negar a sua qualidade de contista. Nesse sentido, o resultado estético se dá pelo preparo do leitor e, posteriormente, pelo testemunho da fala inocente de Naíta que não entende, no primeiro momento, a tragédia da qual a irmã fora vítima.

Outro ponto significativo e que deve ser considerado na análise desse conto é a unidade de efeito, intimamente relacionada à extensão do texto e que, segundo Edgard Allan Poe (1987) “em quase todas as classes de composição, a unidade de efeito ou impressão é um ponto da maior importância”. Desse modo, a composição literária causa um efeito, um estado de “excitação” ou de “exaltação da alma”, e como “todas as excitações intensas”, elas “são necessariamente transitórias”. Logo, fica evidente a necessidade de dosar a obra, de modo a permitir e sustentar essa excitação durante determinado tempo.

Ainda sob essa perspectiva, o conto de Conceição Evaristo estabelece essa unidade de efeito, à medida que o fato narrado não recai a outros eixos temáticos, como, por exemplo, em relação à condição do filho que tem sua vida inserida no

mundo da criminalidade e ao descontrole da mãe em tolerar os sofrimentos da vida de pobreza. Tal instância recai às irmãs gêmeas, devido à casualidade imposta por uma busca material e objetiva e, depois, por uma busca amparada no elo de irmandade entre elas (elementos que costumam a trama), o que faz com que a unidade de efeito estabeleça um desfecho lógico e circunscrito na sequência dos fatos, além de promover implícitos, ou seja, a outra história não contada, como defende Piglia (2004), história essa circunscrita na rivalidade entre as gangues do morro, cujo irmão das garotinhas pertencia a uma delas.

Em síntese, a narrativa se desenvolve ordenadamente da seguinte maneira: inicialmente, o universo infantil e de pobreza (espacialidade circunscrita na periferia) é apresentado; – as gêmeas brincando e deixando os brinquedos espalhados pela casa; – a mãe dá a ordem para que arrumem; – a mãe se preocupa com os outros filhos, que não são nominados; - Zaíta presencia a arma e o estado nervoso do irmão; – a mãe tranquiliza e pergunta se a outra sabia do fato; – a mãe questiona a condição de pobreza da família; – amanhece – Zaíta acorda e vai atrás da figurinha, procura e não acha, espalha os brinquedos, não vê a irmã em casa; - Zaíta sai do barraco em busca da irmã e da figurinha; – Zaíta se afasta da casa; – o narrador explica ao leitor que estava ocorrendo com frequência tiroteio no morro; – Zaíta é atingida por uma bala perdida; – passamos a ter conhecimento que Naíta estava no barraco ao lado ao ouvir a mãe brava com a bagunça deixada pela irmã; – Naíta presencia a mãe quebrar a boneca mais bonita que elas tinham; – Naíta sai em busca de Zaíta; – Naíta quer explicar que queria sentir o cheiro da figurinha e que também a perdeu e quer contar que a mãe quebrou a boneca e que estava brava porque os brinquedos estavam espalhados; – as pessoas do morro recolhem o corpo de Zaíta; – as pessoas cercam o corpo; – Naíta encontra a irmã e sem ter consciência do ocorrido, inocentemente grita: “Zaíta, você esqueceu de guardar os brinquedos!” (Evaristo, 2016).

Esses eventos sequenciados evidenciam a unidade de efeito mediada pelo tom de suspense e de tensão acerca do fim de Zaíta. Tudo é revelado no desenlace da narrativa, ainda que recaia ao leitor a capacidade de compreender o não dito acerca da morte da irmã, do estado que ficará Naíta e se poderia ter sido a gangue, a qual seu irmão pertencia.

Tais implícitos estão vinculados à cena do encontro, momento em que Naíta encontra a irmã morta no chão, mas a tensão do momento não a permite compreender o que, de fato, ocorrera. O ar de inocência, que é evidenciado no início da história, é

retomado no final e estabelece a unidade de efeito sobre a realidade narrada conhecida, em primeira instância, pelo leitor, e, depois, pela personagem Naíta.

Considerando o contexto em que o conto fora escrito, pode-se, por meio do acervo das notícias do jornal *O globo*, compreender a realidade apresentada no referido conto. Segundo o acervo, embora haja registros na imprensa desde os anos 40, o primeiro “boom” de casos de pessoas atingidas por balas perdidas no Rio de Janeiro ocorreu no início dos anos 90, devido ao acirramento dos confrontos armados entre facções criminosas de favelas rivais.

A tragédia narrada se enquadra na década de 1990 (década em que o conto fora escrito), o que permite concluir, mediante as informações presentes nesse acervo, entender que os confrontos eram travados à distância, com a utilização de projéteis luminosos chamados “traçantes”. O conto não evidencia a distância, mas isso fica subentendido, pela movimentação e pela dinâmica em que as personagens se movimentam em relação ao evento, de que se tratava de um tiroteio, cuja direção das balas era desconhecida.

Segundo o acervo:

[...] nos primeiros dois meses de 1990, a polícia já contabilizava cerca de dez mortes por bala perdida apenas na cidade do Rio, e o ano terminou com o dobro de casos computados em 1989. Na ocasião, a violência já começava a impor novos hábitos à população, como revelou reportagem do GLOBO de 16 de dezembro do mesmo ano. Na matéria, intitulada “Balas perdidas aterrorizam os cariocas”, o jornal destacava as providências de proprietários de residências, lojas e escolas para se defenderem, instalando vidros blindados e chapas metálicas nas janelas. [...] Entre os anos de 1995 e 1997, as notícias sobre vítimas de balas perdidas já eram praticamente diárias. (Cf. link do acervo Globo nas referências)

O acervo, baseado no estudo realizado, estima que na década de 1990 se tenha registrado, por ano, uma média de 20 mortes e mais de 50 feridos por bala perdida. Tal estimativa potencializa a escrita de Conceição Evaristo pelo retrato desenhado da comunidade do morro compartilhado com os leitores: o convívio com o medo, com a criminalidade, com o tiroteio, com as drogas –, aspectos que não mudaram muito na entrada dos anos 2000, conforme evidencia o acervo supracitado.

Desta feita, é possível estabelecer um diálogo pautado na realidade apresentada pelas notícias de jornal, com a narrativa do conto de Conceição Evaristo que ficciona a realidade por meio de imagens, em um movimento de humanização atestado por sua escrita, capaz de guiar o leitor ancorado tanto pelo universo infantil

– de modo alegórico – quanto pelos frequentes incidentes causados por balas perdidas no espaço da periferia, principal notícia da década de 1990 nos principais jornais do país.

A bala perdida interrompe a inocência com a morte de Zaíta, mas essa é novamente restabelecida por Naíta, ao não compreender a realidade exposta e permitir-se, inconscientemente, permanecer criança. Essa é uma realidade negada às crianças daquele espaço que, desde cedo, devem compreender os sinais e seguir os protocolos de segurança cuja negligência inconsciente de Zaíta, por escolher manter-se criança, sofreu as consequências desse descuido.

3 Considerações finais

Segundo Piglia (2004), “o conto é um relato que esconde um relato secreto” e, ao lermos um conto estamos lendo duas histórias. Uma dita e outra que se revela circunscrita pelo não dito, pelo que se é capaz de depreender do universo criado. Sob essa perspectiva, pode-se afirmar que o conto “Zaíta esqueceu de guardar os brinquedos” revela uma segunda história: a história da culpa vinculada ao irmão que pertencia ao grupo dos homens mais bem armados do morro.

O narrador, ao nos preparar acerca das ações que costumeiramente ocorriam no morro, também nos apresenta a informação acerca do irmão das gêmeas. Tal informação não é colocada na narrativa sem uma intencionalidade. Ela revela, por meio da focalização atribuída à busca inocente de Zaíta, outra narrativa, circunscrita ao comportamento criminoso do irmão:

Os componentes dos grupos rivais brigavam para garantir seus espaços e freguesias. Havia ainda o confronto constante com os policiais que invadiam a área. O irmão de Zaíta liderava o grupo mais novo, entretanto, o mais armado. A área perto de sua casa ele queria só para si (Evaristo, 2016, p. 76).

Nessa égide, há quem culpar pela morte de Zaíta ou se pode atribuir a morte ao descuido da criança em estar na hora e no lugar errado? Essa informação apresentada pelo narrador evidencia que não se trata apenas de uma fatalidade localizada na circunstância fatídica do fato narrado, pois, se assim fosse, tal informação poderia ter sido descartada e não precisaria ser compartilhada com o leitor. Ao compartilhar tal informação, tem-se, na tessitura do implícito, a ideia de que a família de Zaíta a qualquer momento sofreria as consequências do envolvimento do

irmão com o crime, o que também permite compreender e expandir as razões para a irritabilidade da mãe.

O trecho de uma notícia de jornal sobre a onda de mortes por balas perdidas no período da década de 1990 traz informações sobre as razões desses eventos:

Na avaliação do antropólogo e especialista em segurança pública Paulo Storani, que era policial do Bope (Batalhão de Operações Especiais) na década de 90, o problema está relacionado com perda de territórios por parte do crime organizado. "Muitos desses casos foram originados pela disputa entre facções rivais. Com as UPPs [Unidades de Polícia Pacificadora], muitos criminosos ficaram sem território e há uma necessidade de se adaptar a um novo cenário, onde eles precisam buscar novas áreas e, eventualmente, tomar territórios de outras facções".¹

Há, assim, um intertexto do texto de Conceição Evaristo, que sinaliza, emparelhadamente, para a atividade do irmão das gêmeas e permite compreender uma das possíveis causas, trazendo, para seu universo ficcional, marcas do real. Trata-se de marcas que, no universo ficcional, estabelecem uma relação de causa e consequência. Isso porque o motivo de se fazer pertencente a uma gangue, por mais bem armada que fosse, não impediria que, como consequência, a vida de algum ente de seu núcleo familiar fosse ceifada.

Por outro lado, a narrativa, ao focar na inocência e na ingenuidade de Zaíta, atribui a consequência de sua morte ao descuido, típico das crianças. Todavia, as ações orquestradas nesses eventos levam à compreensão de que as crianças foram condicionadas à busca por abrigo durante os tiroteios. Talvez Zaíta também soubesse como se proteger, mas, naquele dia, a sua busca não era por abrigo, mas pela figurinha, em um ato puro e inocente de ser criança, independente do lugar ou da situação em que estivesse, para poder crescer, brincar e desbravar os espaços como uma garotinha livre, vivendo a inocência típica da infância.

O barulho seco de balas se misturava à algazarra infantil. As crianças obedeciam à recomendação de não brincarem longe de casa, mas às vezes se distraíam. E, então, não experimentavam somente as balas adocicadas, suaves, que derretiam na boca, mas ainda aquelas que lhes dissolviam a vida. Zaíta seguia distraída em sua preocupação. Mais um tiroteio começava. Uma criança, antes de fechar violentamente a janela, fez um sinal para que ela entrasse rápido em um barraco qualquer. Um dos contenedores, ao notar a presença da menina, imitou o gesto feito pelo garoto, para que Zaíta procurasse abrigo. Ela procurava, entretanto, somente a sua figurinha-flor...

¹ Cf. notícia no link <https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2015/01/28/bala-perdida-ressurge-com-forca-e-faz-rio-reviver-temor-da-decada-de-90.htm>. Acesso em: 01 dez 2021.

Em meio ao tiroteio a menina ia. Balas, balas e balas desabrochavam como flores malditas, ervas daninhas suspensas no ar (Evaristo, 2016, p. 76).

Nesse sentido, o conto, ainda que tenha um enredo que caberia ao noticiário jornalístico seu mote, desperta nos leitores, por meio das imagens, efeitos de sentidos que vão além do fato narrado, tais como o sentimento de piedade, de cumplicidade e de reconhecimento das razões que permearam a busca de Zaíta naquele universo propício à violência. Tais efeitos nos permitem testemunhar um acontecimento que envolve dimensões do humano, suas complexidades e desventuras no que se refere às condições morais, no âmbito do contexto infantil, cuja fantasia e inocência deveriam participar no processo de desenvolvimento das crianças, mas que são ocupadas e materializadas pela violência e pela fatalidade.

Assim, a linguagem da inocência como direcionadora e justificativa para a garotinha estar no lugar e na hora errada, ocasionando seu fim trágico, orienta a leitura do fato trágico, travestido de uma alegoria construída por um conjunto de metáforas que compõem uma imagem por meio da qual a fatalidade e a dor ganham dimensões da fantasia, da magia.

Por meio da gradação “flores malditas” – “ervas daninhas”, a autora descreve o objeto-causa do fim trágico de Zaíta: as balas perdidas. Esse trabalho com a linguagem suaviza a tensão causada pelo choque de um evento envolvendo uma criança, cuja percepção da notícia sobre o mesmo evento estabeleceria direções opostas.

Ademais, considerando as características que envolvem o universo do conto, é possível afirmar que, enquanto gênero literário, evidencia sua riqueza e suas potencialidades, mediadas por uma linguagem alegórica que suaviza a violência do fato narrado, realizando o diálogo com a o gênero jornalístico da notícia enquanto intertexto – mote para sua criação.

O evento da morte, poeticamente narrado, não deixa de enunciar tal prática enquanto memória coletiva, mas a individualiza, atestando que não é apenas mais uma criança vítima de bala perdida, mas trata-se de uma criança que carrega consigo uma história e subjetividades ignoradas ao grande público – leitores das notícias de jornal.

Desse modo, nas narrativas de Evaristo, diferente das notícias de jornais, não se busca elucidar questões por trás desses eventos trágicos, circunscritos na

rivalidade entre gangues ou conflitos com a polícia, mas se expõe e nomeiam-se as histórias de crianças e de adultos negros, vítimas dos problemas sociais e da negligência do poder público. Rompe-se, então, com a ideia de que criança da favela não possa ser criança, por conviver naquele espaço onde a violência e a pobreza imperam, ainda que, para isso, corra o risco de morrer vítima de uma bala perdida, como muitas outras crianças que, só por assim serem, livres de qualquer norma de conduta comportamental, morram por estar indo ou voltando da escola, brincando na rua, ou procurando, assim como Zaíta, por uma figurinha.

ZAÍTA FORGOT TO PUT HER TOYS – THE JOURNEY OF STRAY BULLETS: THE DIALOGUE BETWEEN THE NEWS AND THE LITERARY STORY

Abstract: This article aims to promote reflections on the intertextual elements that dialogue thematically and influence the construction of the fictional project of the short story “Zaíta forgot to save the toys” by the author Conceição Evaristo, coming from the news genre. To do so, we use the analysis of the short story in dialogue with the theme evidenced in newspaper reports circumscribed to events caused by stray bullets. Through a qualitative approach and theoretical-analytical-comparative methodology, the objective is to propose a model of reading about the intertextual relationship between the news and the literary tale, considering their converging aspects (unit, means of origin) and divergent in which refers to the order, objectivity and language used in the way of portraying reality and discussing, through dialogue between textual genres the aspects that mobilized writing aimed at the childish universe and innocence in the violent context of the periphery.

Keywords: Violence; tale; news; reality; literality.

Referências

EVARISTO, Conceição. Entrevista com Conceição Evaristo. Biblioteca Nacional: <https://www.bn.gov.br/acontece/noticias/2015/11/entrevista-com-conceicao-evaristo>. Acesso em: 15 nov. 2023.

EVARISTO, Conceição. *Olhos d'água*. Rio de Janeiro: Pallas: Fundação Biblioteca Nacional, 2016.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. *Introdução à Linguística Textual: trajetória e grandes temas*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2015.

KOCH; BENTES, Anna Christina; CAVALCANTE, Mônica Magalhães. *Intertextualidade: diálogos possíveis*. São Paulo: Cortez, 2012.

KOCH; ELIAS, Vanda Maria. *Ler e compreender: os sentidos do texto*. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2015.

NOGUEIRA GALVÃO, Walnice. *Cinco teses sobre o conto*. São Paulo: LR Editores Ltda., 1982.

PIGLIA, Ricardo. *Teses sobre o conto. O laboratório do escritor*. São Paulo: Iluminuras, 1994.

PIGLIA, Ricardo. *Novas teses sobre o conto. Formas breves*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

POE, Edgar Allan. *O princípio poético. A filosofia da composição. Poemas e ensaios*. Rio de Janeiro: Globo, 1987.

Acervo O globo: <https://acervo.oglobo.globo.com/em-destaque/mortes-de-criancas-por-balas-perdidas-no-rio-casos-que-chocaram-os-cariocas-20819049>. Acesso em: 15 nov. 2023.

Recebido em 11/02/2023

Aceito em 19/01/2024

Publicado em 29/02/2024